



fig.1 | Prolegómenos do Maio de 68, faculdade de Nanterre (fonte: MAI 68. Éditions Denoël, Montreuil, 2008.);

fig.2 | Imagem do filme *One Week* (1922), Buster Keaton. (fonte: *Cinema e Arquitectura*. Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema, Lisboa, 1999.)

ARQUITECTURA E IDEOLOGIA¹

Imaginam-se cenários de possibilidade através do Projeto, entendido como prática instrumental ideológica. Ou seja, ação comprometida com dinâmicas históricas, económicas, sociais e políticas, radicadas na produção do espaço urbano.

1. INTRO

Ao antecipar a produção de arquiteturas através do projeto, imaginamos possibilidades de transformação do mundo. E aceite o pressuposto, **que matérias ou conteúdos cabe implicar no discurso e nos processos onde radica tal invenção**, à vista das contingências complexas que enfrentamos?

A proposta de trabalho adotada na turma 5F convoca uma **exigência de problematização de nível universitário**, procurando **“fundamentar limites para a produção (imaginada) do espaço comum**. Concretamente, adota-se uma estratégia teórica e crítica que inscreve a prática do Projeto como resultante da interpretação de um contexto económico, social, político e ambiental – e cuja correspondente ideológica obriga a entender as determinantes materiais propostas como matéria disputável, sujeita a debate, e a contraditório.

Para o efeito, promove-se junto dos alunos a importância de recorrer a sistemas interpretativos conotados *ideologicamente*, o que de algum modo se afigura disruptivo da pressuposta neutralidade no uso de instrumentos ditos disciplinares. Ou seja, desafia-se o emprego apolítico de metodologias, comum em unidades curriculares de projeto.

2. DA CRÍTICA DA UNIVERSIDADE À CRÍTICA DA SOCIEDADE

Distinguem-se, década após década, reivindicações de estudantes a clamar “por mundos alternativos”, alinhadas com sucessivas lutas emancipatórias – sociais, laborais, culturais, raciais, anticoloniais e anti beligerantes. Formas de luta e resistência, invariavelmente silenciadas ou reprimidas com o recurso a violência legislativa e policial (ou militar) extremadas, em sucessivos contextos e continentes.

Filiados em tal precedência, este enunciado DE PROJETO ensaia uma aproximação ideológica à aprendizagem da Arquitetura e entende a sua potencialidade prática na universidade como instrumento de um ativismo emancipatório. Isto é, reclama-se como responsabilidade pedagógica uma capacitação ideológica do sujeito, prévia ao exercício da atividade *profissional e/ou especializada* no domínio da arquitetura. Nesse sentido, a oportunidade de trabalho distingue questões emergentes decisivas no figurar de possibilidades futuras, como são os casos de um défice de justiça social e

¹ Referido a Karl Mannheim, que distingue em *Ideologia e Utopia* (1929) uma interpretação da realidade corrompida pelo “creditar de valores estranhos à constituição social prévia do sujeito imaginador”. O que, em consequência e de forma dinâmica, não estanque, arruma segundo “quatro modos de implicação ideológica” [Hayden White]: a) anarquismo; b) liberalismo; c) conservadorismo; d) socialismo.

espacial, carências no direito à habitação, emergência climática e ambiental, desigualdade económica extrema e assimetrias centro/periferia.

3. CONTEXTO OPERACIONAL

O cenário sujeito a reconhecimento e interpretação compreenderá **a faixa costeira na margem sul do estuário do Tejo distendida entre a Trafaria e a Cova do Vapor**. Porquê? Como é sabido, por pressão conjunta do desenvolvimento turístico urbano e do *laissez faire* (des) económico global, que consagra “a casa” como produto financeiro apetecível, a cidade histórica não tem deixado de se regenerar e higienizar. Porém, no reverso da aparência benevolente de uma reabilitação material, encontraremos processos de exclusão do direito ao lugar e do direito à habitação, a expulsão contingente de habitantes socialmente envelhecidos e/ou economicamente desfavorecidos), a favor de novas formas de ocupação e colonização territorial.

Assim, considerando que a potencialidade económica decide como e onde se pode viver, a reflexão a desenvolver tratará de equacionar possibilidades alternativas, e assim cultivar formas de resistência – através de ocupação lícita ou ilícita marginal à política hegemónica. Considerando, para o efeito, o potencial latente em lugares residuais ou centralidades pretéritas, como é o caso do território convocado.

fig.3 | Da Trafaria à Cova do Vapor: material compósito de elevada complexidade, que interseja assentamentos urbanos históricos, uma plataforma industrial ativa, territórios autoproduzidos a reclamar reconhecimento institucional, estrutura ecológica, frente de estuário com exposição crítica face às determinantes ambientais.



O objetivo geral passará pelo figurar de cenários de possibilidade, para uma reocupação vivencial na frente de estuário – para além de um potencial reequacionar das condições de porosidade entre o litoral e os núcleos urbanizados no interior. O trabalho a desenvolver *in situ* e na FAUL irá compreender diversos campos de atuação, admitindo-se compatibilizar o imperativo de avaliação com as propostas distendidas por sucessivas escalas: desde uma reconceptualização utópica de um desenvolvimento da cidade/território pós-industrial, percebido e detalhado à escala de um plano geral (com aproximações a definir), até à intervenção próxima na interpretação e resolução de problemas concretos². O trabalho será desenvolvido por fases e realizado em grupos auto-organizados de alunos, aos quais caberá a iniciativa e a responsabilidade de **constituir um programa operacional próprio**.

² À luz da proposição veiculada não fará sentido definir a priori uma predefinição da natureza, escala ou sentido do trabalho/tema individual a adotar, ou sequer uma matriz a antecipar escalas e âmbitos de desenvolvimento morfo-tipológicos específicos. Não obstante, em registo provocatório não deixa de se elencar um domínio de possibilidades apocalípticas: a) (Projeto para o) *Arranha-céus dos Precários da Trafaria* (referido à ficção homónima de J.G.Ballard), um ensaio fenomenológico sobre a virilidade da arquitetura, quer se trate de obra nova ou resulte da apropriação de um suporte pré-determinado; b) (Projeto para a) figuração do *road movie* balnear *Fuga para o Sul* e o estudo da tipologia do motel de beira da estrada, como alternativa à formulação histórica do lazer coletivo figurado pela FNAT (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho e os campos de férias disciplinares para benefício do proletariado); c) (Estudo para o) aprofundamento da relação entre o polo universitário da

4. PARCERIAS, INVESTIGAÇÃO E DISSEMINAÇÃO

Com alcance além da prática letiva na UC de Projeto Integrado III, no 1.º semestre, e de modo a melhor enquadrar o investimento dos alunos num domínio de problematização, **o docente irá assegurar à turma 5F a leção da UC de Seminários de Apoio ao TFM**, na qual procurará apoiar ou afinar a constituição de propostas individuais de trabalho com vista à realização dos Trabalhos Finais de Mestrado. Sublinha-se assim um compromisso lógico (negociável caso a caso) para com um eventual acompanhamento e apoio na definição de orientação científica em trabalhos de investigação, sejam estes implicados com a reflexão proposta.



fig.4 | Parceiros envolvidos na concretização das tarefas, a perspetivar continuidades para as investigações individuais (opcionais), em posterior Trabalho Final de Mestrado: Sustenta - Laboratório de Projecto Sustentável, [<https://sustentafa.wixsite.com/sustenta-pt>]; Gestual – Grupo de Estudos Sócio-Territoriais Urbanos e de Acção Local [<https://gestual.fa.ulisboa.pt/>]; CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design [<https://ciaud.fa.ulisboa.pt/index.php/pt/>].

Cabe também compreender a proposta temática 5F para 2024-2025 sustentada na prática letiva pretérita e radicada em trabalho prévio de investigação, desenvolvido por grupos de investigação inscritos no CIAUD, sediados na FAUL. No sentido de aprofundar uma leitura complexa dos fenómenos a partir de diferentes perspetivas, **será recomendada aos alunos** inscritos na turma F **a frequência simultânea de duas UCs Optativas**, ambas promovidas pela Professora Andrea Arruda e pelo Professor José Luís Crespo, Coordenadores do Gestual, abertas, não obstante, a toda a comunidade escolar, nomeadamente (<https://www.fa.ulisboa.pt/index.php/pt/component/sppagebuilder/page/146-2024-25>):

- a) **QUALIFICAÇÃO DE MARGENS URBANAS;**
- b) **LABORATÓRIO DE PRÁTICAS PARA O HABITAR POPULAR.**

A ideia passa por desenvolver uma prática conjunta com estas UCs durante o primeiro semestre, que compreenderá trabalho de campo e colaboração em aula, de modo a exercitar e a discutir os limites conceituais e instrumentais de práticas que entendemos como idealmente colaborativas – e complementares. De modo tal, que os **conteúdos temáticos refletidos em conjunto** se tornem exemplares de uma natureza e de um sentido na compreensão do mundo. A inscrever no discurso didático letivo adotado, por um lado, mas que também possa ampliar-se e frutificar como expressão resultante de uma orientação científica prestada ao nível do segundo ciclo, âmbito em que se destacam (a título de exemplo) cerca de 80 trabalhos entretanto concluídos desde 2016, entre Projetos Finais de Mestrado e Dissertações.

Daniel Santos de Jesus

Trafaria, 28 de julho de 2025

Para informações adicionais, contactar sff: dmjesus@fa.ulisboa.pt

Caparica e a atividade antropológica da pesca praticada na Trafaria, a incluir *o Choco Estudado* como mediador para a figuração da arquitetura de uma oposição constituinte de futura cidade diferencial (e por isso, inclusiva); d) *Aqui Poderia Morar Mais Gente* intitularia a constituição de um guião estratégico para a apropriação popular e reabilitação material de património habitacional devoluto na Trafaria; e) (Estudo de) lugares intersticiais e a imaginação da infraestrutura de suporte para uma nova *Vida no Campo (e Praia)* – segundo a formulação de Álvaro Domingues; f) *Os Barcos do Amor* nomearia a proposta para a reconfiguração da linha de costa, enquanto abrigo temporário (ou definitivo) para barcos semiresidenciais (cujo casco não seja branco); g) Estudo de uma arquitetura autoproduzida na Cova do Vapor, onde cada casa parece resultar do estranho propósito de “*Fazer Mais com Mais*” – por contraponto evidente com o minimalismo convencional destilado pela alta cultura corporativa dos especialistas; h) *Outros ainda*, por desarrumar pela vossa imaginação...